

Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa

[MARANDINO, Marta; SELLES, Sandra E.; FERREIRA, Márcia S.; AMORIM, Antonio Carlos (orgs.). Niterói: Eduff, 2005. 205p.]

Elenise Cristina Pires de Andrade

A capa verde e rosa quase que imediatamente levou-me à Estação Primeira de Mangueira e assim, ao referir-me a algum de seus artigos, dizia: “aquele texto do livro da Mangueira”. Estranhos prazeres. Prazerosos estranhamentos. A mangueira (*Mangifera indica*)¹ tem suas folhas verdes, mas suas flores não são rosa, enquanto as primaveras (*Primula vulgaris*)² têm as folhas verdes, as flores rosa e uma estação climática, mas a ela não invocamos a Estação Primeira.

E a Biologia? Por quais coloridos e estações desfilaria? Bem, os organizadores do livro dão-nos uma dica: em seu ensino digladiam-se *conhecimentos e valores*, mas também percebo outras paragens, como, por exemplo, deliciosas viagens taxonômicas, como uma espécie do gênero *Noeregelia* da família das Bromeliáceas, *Noeregelia* ‘Mangueira’³, por apresentar as duas cores em seu carnavalesco organismo.



Noeregelia ‘Mangueira’

Em meio ao seu cenário, que é uma beleza⁴, a Mangueira, Estação Primeira, convida a professora de Biologia, autora desta resenha, a ser integrante da dedicatória apresentada no início da obra: “Dedicamos este livro a todos os professores e professoras que, ao ensinarem Biologia nas escolas de Educação Básica, constroem, anonimamente, histórias desta disciplina no nosso país.”

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação - Unicamp

1. <http://houaiss.uol.com.br>

2. <http://houaiss.uol.com.br>

3. http://fcbs.org/images/Neo/neo_Mangueira_oscar.jpg. Foto de 2002. Bromeliário Imperialis

4. Alusão aos versos do samba *Exaltação à Mangueira* de Enéas Brittes da Silva e Aloísio Augusto da Costa: “Mangueira teu cenário é uma beleza, que a natureza criou.”

Impossível recusar convites, pois eles possuem uma natureza ditatorial de “aceite”, senão seriam questionamentos tipo “você quer?”, “você pode?”. Esparramo-me por esse sambódromo de textos, idéias, crenças, culturas, valores, negações, aclamações, repulsas, protestos, alegrias que 16 autores e autoras apresentam-nos nesse desfile.

[...] retratos, imagens que capturam movimentos de mesas redondas e palestras que, como registros, guardarão a história do “I Encontro Nacional de Ensino de Biologia & III Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional RJ/ES”, organizado pela Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia – SBEnBio – e realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (MARANDINO et al., p.9, 2005)

Ensino de Biologia em diferentes contextos é a primeira ala⁵ do desfile: Jerry Dávila⁶ apresenta-nos fragmentos das interconexões raça-ciência(eugenia)-controle na primeira metade do século passado no Brasil, época em que penetram e marcam uma normalidade para uma suposta passividade dos cidadãos afro-brasileiros, possibilitando (e legitimando?) mecanismos de controle e manipulação para esses brasileiros “mais obedientes”. O próximo contexto – os museus de ciências – foi sambado por Martha Marandino, Antonio Carlos R. de Amorim e Cristina de Carvalho Barão⁷, que nos apresentam uma interessante possibilidade de (re)ver e (re)imaginar os objetos das exposições em museus de ciências, enfocando as metamorfoses vivenciadas por esses objetos ao serem narrados, observados, contemplados. A última parte dessa ala refere-se a questões que envolvem elementos sócio-históricos da disciplina escolar Biologia, seus entraves, organização e possibilidades a partir da alegoria do conhecimento acerca da evolução, como nos fala Sandra Escovedo Selles e Márcia Serra Ferreira⁸.

Do conceito de Charles Darwin, abordado no último texto da ala anterior ao quesito dos desfiles pelos sambódromos, agora é a segunda ala a evoluir com *Ensino de Biologia: conhecimentos científicos e ética em entrelaces*. Clarice Sumi Kawasaki⁹ compõe sua passagem buscando propostas para entrelaçamentos entre um currículo de ensino de ciências naturais e ética, defendendo, para isso, a diversidade de saberes, crenças e valores, assim como sua problematização; o caráter singular da interpretação das relações entre ciência e ética por parte dos alunos, além de espe-

5. Sempre que me referir às alas estou a tratar das partes do livro, cinco ao todo.

6. Escolhi colocar os títulos dos textos em notas de rodapé, por isso a escrita em itálico. *As relações entre raça e estado no Brasil: contribuições para discussão no ensino de Biologia*.

7. *Percurso das ciências em exposições de museus*.

8. *Disciplina escolar Biologia: entre a retórica unificadora e as questões sociais*.

9. *Ensino de Biologia e ética: a conexão possível*.

cíficas metodologias de ensino. Para isso, a pesquisadora bebe nas reflexões de Renato José de Oliveira¹⁰, as quais trazem para o desfile uma instigante questão: “Como veicular conhecimentos em um tempo em que diferentes saberes e crenças se chocam, muitas vezes empregando a violência para fazer prevalecer aquilo que defendem?” (p.65) Para apresentar possibilidades de resposta, Oliveira traça uma breve retomada sobre a epistemologia da ciência, entremeando-a com possíveis entendimentos para “ética”, apostando nos pressupostos de Perelman (1996) que a compreende como um “[...] constructo historicamente situado” (p. 74).

Chegamos ao meio do desfile, momento de observarmos a terceira ala: *As temáticas ambientais na escola: desafios para o ensino de Biologia*. Antonio Carlos AMORIM¹¹, embora na ordenação do livro seja a última parte a desfilar, na coreografia da evolução do samba o texto-autor permite-se “[...] *passar ao meio*, movimentar-me por onde o fluxo é mais intenso, no que mais me afeta.” (p.110) ou então “[...] *passar pelas fronteiras*” (p.112) de/por/com as relações entre as práticas curriculares e a concepção de conhecimento na hibridação dos saberes ao serem enfocadas as discussões sobre questões ambientais (Luiz Marcelo de Carvalho¹² e Eunice Trein¹³), que refletem sobre a fértil pluralidade nas relações de alunos/as de pedagogia com a teoria-prática, quando abordadas as temáticas de educação ambiental. Nessa coreografia sem estrutura, Antonio Carlos Amorim propõe-nos ritmos e movimentos variados, dança dos sentidos, convidando-nos a olhar para/com os seus parceiros de ala, Luiz Marcelo e Eunice, e perambular em seus discursos sobre o ambiente onde versam/produzem múltiplas identidades para o humano e temperá-los com a poética do talvez...

Talvez valha a pena para a Biologia, em seu ensino e interface com os movimentos ambientalistas, constituir-se como um pensamento viral, [...] em companhia de Baudrillard (2003). Talvez, [...] o que se sugere para o ensino de Biologia é a sua dimensão ético-estética de fetiche, [...] agora sambando por entre estudos de antropologia, Marx, Freud, mitos, divindades, mercadoria e desejo.

Talvez possam ser usados elementos de reflexão que passam também pela ironia, nostalgia e pelo excessivo antropocentrismo, [...] canta junto com o artista plástico Max Ernst, o criador do Bob Esponja e algumas capas da revista *New Scientist*.

Talvez... (p.117)

10. *Ensino científico e ética: tecendo uma interseção.*

11. *O ensino de Biologia na saturação do pensamento crítico.*

12. *A temática ambiental e o ensino de Biologia: compreender, valorizar e defender a vida.*

13. *Roteiros ambientais: ampliando horizontes da prática pedagógica.*

O enredo do desfile segue com a quarta ala que nos indaga *Que ser humano cabe no ensino de Biologia?* Não atravessando na avenida, Sílvia Luiza Frateschi Trivelato¹⁴ clama por Chico Buarque na epígrafe “Oh pedaço de mim... Oh meta-de afastada de mim...”, para apontar fragmentos no ensino desse corpo, onde ordenações funcionais, bioquímicas e fisiológicas incorporam, permitindo que só caiba, nas aulas de Ciências e Biologia, o corpo aos pedaços, despedaçados pelo próprio percurso histórico da produção científica desse conhecimento. Elizabeth Macedo¹⁵, por sua vez, enfoca seus questionamentos na disciplina escolar ciências, onde identifica uma “[...] linguagem de ciência iluminista” (p.136) que acaba promovendo e, de certa forma justificando, uma fixidez e homogeneização das identidades dos sujeitos a partir de uma concepção biologizada de corpo. Finalizando essa penúltima ala, Elenita Pinheiro de Queiroz Silva¹⁶ tem como parceiro Jacques Derrida com sua obra *L’animal que donc je suis. (A suivre)*, que tomo como um atrevido diálogo com Descartes – *Je pense donc je suis*. Elenita não quer ficar fora dessa dança e ginga: “[...] o homem cria nomes e chama os animais por seus nomes, pelos nomes que ele cria; o homem cria o nome *homem* e chama-se a si mesmo de homem.” (p.142). Os destaques da dançarina apresentam-se como lantejoulas que se destacam e nos conduzem o olhar para suas considerações sobre a escola e a educação serem lugares de humanização do ser humano, produções e invenções de eu/outros bio-culturais.

A última ala *A formação de professores em Biologia como territórios contestados* é encarregada de encerrar o samba. Ana Maria Monteiro¹⁷ caminha por entre as idéias e os relatos de Nóvoa (1991; 1995) para traçar algumas acomodações/dessossegos que ocorreram (e ainda ocorrem) nos movimentos das ambigüidades que permeiam a busca pela identidade profissional docente. Em sua evolução pela passarela, Ana Maria defende que melhor compreendendo os saberes da experiência docente, na coreografia de Tardif, Lessard e Lahaye (1991), e valorizando-os é possível diminuir a angústia que esses movimentos nos professores provocam. Leandro Belinaso Guimarães¹⁸ tem como parceiros de suas idéias as possibilidades da desconstrução derrideriana e os alargamentos e estreitamentos dos estudos culturais visando um enriquecimento das atividades de práticas de ensino.

[...] gostaria de defender desde já a incorporação, na formação inicial em Biologia, de uma maior atenção à cultura, às políticas culturais e às *cenas contemporâneas* (cujos *produtos*, sejam eles televisivos, cinematográficos, fotográficos ou es-

14. *Que corpo/ser humano habita nossas escolas?*

15. *Esse corpo das ciências é o meu?*

16. *Quando o corpo é uma (des)construção cultural.*

17. *Formação docente: território contestado.*

18. *Desnaturalizando práticas de ensino de Biologia.*

critos) que estão produzindo significações a respeito de inúmeros temas; questões; procedimentos que dizem respeito à Biologia. (p.176).

Fechando a ala e o desfile, Ana Cléa Moreira Ayres¹⁹ traz um breve relato histórico sobre a criação dos cursos de licenciatura no Brasil, para analisar algumas propostas presentes nas discussões da elaboração das Diretrizes Curriculares para os cursos de licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas. Ana Cléa finaliza seu passeio pela passarela assinalando alguns pontos de tensão entre saberes teóricos -bacharelado e saberes práticos - licenciatura, identificados nas Diretrizes Curriculares.

Como os espectadores das arquibancadas e camarotes dos sambódromos espalhados pelo Brasil, é preciso que uma escola termine o desfile para que possamos nos deleitar com o samba, as alegorias, as coreografias dos passistas e a evolução da próxima.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, J. *De um fragmento ao outro*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2003.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Unesp, 2002.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria & Educação*, n.4. Porto Alegre : Pannonica Editora. p. 109-139, 1991.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In NÓVOA, A. *Profissão professor*. 2.ed. Porto : Editora. p.13-34, 1995.

PERELMAN, C. *Ética e direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TARDIF; LESSARD; LAHAYE. Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*, n.4. Porto Alegre : Pannonica Editora. p. 215-233. Dossiê: Interpretando o trabalho docente, 1991.

19. *As tensões entre a licenciatura e o bacharelado: a formação dos professores de Biologia como território contestado*.